

Publicamos a segunda e última parte da importante comunicação do poeta moçambicano Marcelino dos Santos apresentada à Conferência Constitutiva da Associação Pan-Africana de Escritores, realizada em Novembro, em Accra, no Ghana.

É preciso preservar as línguas africanas

POR MARCELINO DOS SANTOS

Assim sendo, uma questão se nos põe: será que uma tal posição na sociedade é típica do escritor? Não será ela também válida para o camponês, o operário, o soldado, o funcionário, o estudante, o artista, o desportista? Não será uma questão para cada cidadão, uma posição a tomar por cada cidadão?

A realidade companheiros, é que cabe-nos a nós, escritores, ajustar os nossos passos ao passo dos trabalhadores, ao passo das massas populares.

Assim vemos a maioria, a construção e consolidação do movimento do conjunto.

Porque a maioria popular — e só ela é maioria —, ao libertar-se, liberta todos. Não acapara para si a liberdade, mas sim, expande-a. estende-a a todos.

Não por generosidade moral, mas por necessidade objectiva.

Permitam-me, para melhor clareza, exemplificar.

A luta armada revolucionária de libertação nacional promoveu em Moçambique a Liberdade para todos. Não só para as massas populares. A Independência, a liberdade conquistada, abraçou a globalidade da população moçambicana, sem discriminação alguma, nem política, nem económica, nem religiosa, nem cultural, nem de sexo, nem étnica, nem racial.

Mais ainda: a nossa luta libertadora juntamente com as de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, provocou também a libertação do próprio povo português. E não foi caridade nossa. Foi, sim, por necessidade objectiva.



Como também foi necessidade objectiva para nós, a libertação do povo do Zimbabwe. Ao contribuirmos para a independência do Zimbabwe, consolidámos mais a nossa Liberdade.

Do mesmo modo, a libertação, da Namíbia, a libertação da África do Sul, consolidarão mais ainda a nossa liberdade. Cairá o «apartheid», cairão os seus agentes, cairão os bandidos armados.

Viverá a vontade da maioria,
Viverá o povo.

Nós próprios, escritores, temos bem clara a consciência de que o trabalho criador, e o bem-estar social, exigem e clamam sempre por mais liberdade.

A onda popular, se expande em mar sempre mais aberto.

Por isso companheiros, repetimos: Cabe-nos ajustar os nossos passos ao passo das massas populares.

Cabe-nos realizar a identificação total com o povo, o povo que nunca morre como dizia o Cama-

rada Presidente Samora Moisés Machel.

Cabe-nos lutar por uma sociedade para todos, em que o bem-estar material e espiritual seja um facto para todos os cidadãos.

A obra do escritor deve visionar estes objectivos, assim como o processo e os caminhos a ele conducentes, para assumirmos a Pátria e consolidarmos a liberdade.

Assim, companheiros, a União Pan-Africana de Escritores que agora vamos criar, deverá contribuir para que sejamos como o imbondeiro que, quanto mais se eleva para as estrelas, mais fundo lança também as suas raízes, na terra que é nossa.

A União Pan-Africana de Escritores deverá contribuir para que a liberdade de expressão seja uma realidade em todo o nosso Continente, para que as vozes que muitas vezes escutamos emudecidas pela prisão ou pelo exílio, sejam escutadas na sua mais veemente plenitude.

A nossa União deverá constituir-se num poderoso organismo de defesa dos escritores do nosso Continente, inserindo-se e assumindo a já longa tradição de luta dos escritores africanos.

A nossa União deverá ser um instrumento decisivo na luta para a valorização da nossa cultura e pela dignidade do homem africano, expressão, também, do homem universal.

A República Popular de Moçambique é um país da África Austral mas a colonização que sofreu determinou que tivesse pontos comuns com países tão distantes de si como Cabo Verde ou Guiné-Bissau. Somos parte da humanidade que usa a língua portuguesa como veículo de comunicação oficial e também como instrumento de expressão literária.

Importantes manifestações literárias moçambicanas surgiram na capital da potência colonial quando estudantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe se organizaram em Lisboa em torno da Casa dos Estudantes do Império, desenvolvendo aí uma importante acção cultural e política. Foi assim que se iniciou um importante movimento que mais tarde daria origem à CONCP — Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, organização que reuniu as organizações nacionalistas que nos nossos países dirigiram a luta de libertação.

Na Casa dos Estudantes do Império, bem como no Centro de Estudos Africanos, em Lisboa, começaram a ouvir-se vozes como as de Agostinho Neto, Mário de Andrade, Amílcar Cabral, Alda do Espírito Santo, Noémia de Sousa, Francisco José Tenreiro, Lúcio Lara, Fernando Ganhão, Vasco Cabral, Rui Nazaré, Orlando Costa, Alda Lara, Orlando de Albuquerque, para além de se fazerem conhecer eminentes escritores como José Craveirinha, a maior expressão poética de Moçambique.

Não podemos dizer que a trajectória dos escritores dos cinco países de língua oficial portuguesa seja igual mas, sem dúvida, têm muitos pontos em comum. Daí que hoje, conquistada a liberdade, foi constituída e está em pleno funcionamento a Liga dos Escritores dos Cinco (LEC), um organismo



Os escritores e intelectuais que participaram na criação da PAWA. O poeta Marcelino dos Santos vê-se ao centro da fotografia

que nas letras palmilha o mesmo caminho da cooperação que existe entre os «Cinco» no campo económico, político e diplomático. Em qualquer dos países dos «Cinco» existem associações ou uniões de escritores que trabalham para congregar os escritores e fazer conhecer a sua obra no mundo.

Apesar da nossa luta pela liberdade e identidade cultural algumas angústias acompanham o escritor africano nomeadamente quando tem de usar a língua do ex-colonizador como seu instrumento de trabalho. E isto acontece no nosso país, onde a taxa de analfabetismo é das mais altas do mundo e onde a grande maioria da população só se expressa nas línguas maternas africanas.

Esta situação determina o facto de o escritor africano no seu país comunicar-se apenas com uma minoria letrada, uma minoria que domina a língua do ex-colonizador.

Em Moçambique já temos experiência de escritores que querendo vencer esta barreira, se empenharam entusiasticamente na produção de livros em línguas nacionais enquanto que, paralelamente, engajamos esforços para que a alfabetização também passe a fazer-se através das línguas maternas.

As nossas línguas, devem pois ser defendidas e preservadas. Por isso, consideramos também necessária uma acção continental de defesa das línguas africanas pois que, como sabemos, muitas delas já iniciaram a degenerescência constituindo isso um forte golpe cultural para milhares ou milhões de pessoas que se expressam nessas línguas. Investigar e usar com fluência as línguas africanas deve deixar de ser apenas um acto missionário ou de antropólogos entusiastas, para ser também um acto do escritor na sua ânsia de se fazer comunicar para transmitir aos outros a sua mensagem de justiça, as suas dúvidas, as suas interrogações.

No mês de Setembro último, durante a Feira Internacional do Livro que aí teve lugar, Harare foi palco de debates em que a importância das línguas nacionais na literatura foi alvo de uma resolução específica apelando para a sua valorização.

A realização da presente Conferência encerra um longo ciclo histórico.

Com efeito, foi em 1956 que, na cidade de Paris, eminentes escritores e outros intelectuais negros se reuniram sob os auspícios da histórica revista «Présence Africaine» no Primeiro Congresso Mundial dos Homens da Cultura Negros. Esse encontro reuniu nomes como os de Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor, Alioune Diop, Mário de Andrade, Jean Price Mars, Jacques Rabemananjara, Georges Lamming, David Diop, René Depestre, Eduard Glissant, Bernard Dadié, Richard Wright, Joaquim Pinto de Andrade, e tantas outras personalidades preocupadas com o devir histórico africano.

O Congresso, o primeiro do seu género é comparável na área política, à Conferência de Bandung. Ele teve o grande mérito de criar um consenso no movimento renascentista das culturas africanas e afro-americanas. Os ecos desse histórico encontro de certa forma ainda hoje se fazem sentir. Ele foi seguido de uma verdadeira explosão de criação literária e científica que deu a conhecer ao mundo eminentes nomes do pensamento africano.

A Sociedade Africana de Cultura, que surgiu em consequência do encontro de Paris, determinou a continuidade do movimento que levaria à realização do II Congresso, em Roma, no ano de 1959. A Sociedade Africana de Cultura foi um organismo que contribuiu para lançar a força motora que transformaria a luta pela descolonização, como factor indispensável à paz no mundo.

Na República Popular de Moçambique fazemos nosso todo o património cultural legado pelos melhores filhos de África que tanto lutaram para que reconquistássemos a dignidade no nosso Continente. Este património é parte do património universal na incessante luta do homem pela paz, dignidade e bem-estar. É pois com profundo respeito e emoção que rendemos homenagem a todas as grandes figuras de africanos que dedicaram a sua vida à causa da descolonização política e cultural. É sua vasta constelação de nomes ilustres cuja enumeração não cabe aqui, mas de que todos aqui sabemos os nomes e os perfis.

A Associação dos Escritores Moçambicanos, o r g a n i s m o que

conta apenas com sete anos de existência mas que é herdeira de uma longa e rica tradição de luta cultural, saúda calorosamente a criação da União Pan-Africana de Escritores e declara solenemente o seu empenho em contribuir para o fortalecimento da União e, sobretudo, para o engrandecimento da literatura africana.

Na nossa Associação surgiram jovens escritores imbuídos de toda a inquietação que povoa o universo dos grandes artistas. Eles são a nossa esperança de um salto qualitativo na nossa produção literária. Sem abandonarem a nossa tradição de luta os jovens escritores, porque cresceram num país já independente, trazem novas preocupações, novo posicionamento na sociedade. Nomes como os de Ungulani Ba Ka Khosa, Eduardo White, Armando Artur, Lina Magaia, Paulina Chiziane — aqui presente, e tantos outros, tornaram-se menção obrigatória no estudo da nossa literatura. Eles vieram juntar os seus nomes aos dos escritores da geração da luta pela independência como José Craveirinha, Noémia de Sousa, Jorge Rebelo, Armando Guebuza, Sérgio Vieira, para só mencionar alguns.

Os escritores moçambicanos, na busca da liberdade, foram pois, sempre, parte da força que fecundou e construiu a Independência, o Estado Popular, o Poder.

Hoje, continuamos esta tradição, permanecendo povo nós próprios lutando contra a guerra de agressão movida, da África do Sul contra Moçambique, lutando contra o «apartheid» e os bandidos armados, lutando contra a fome e a ignorância, lutando contra o subdesenvolvimento, lutando pelo progresso, pela paz e pela liberdade.

Assim, contribuimos hoje também, para que a Liberdade seja uma estrela humana contribuindo para a luz do Poder, contribuindo para que a unidade entre o Poder e a Liberdade em Moçambique permaneça, se consolide e se desenvolva continuamente.

Por todos os nossos ideais, pelos ideais da Associação Pan-Africana de Escritores.

A LUTA CONTINUA
KHANIMAMBO